

CESÁRIO MOTA — O PRIMEIRO PRESIDENTE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO.

AURELIANO LEITE

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de
São Paulo.

O professor Vinício Stein Campos, em sua palestra no Instituto sobre a grande figura paulista de Cesário Mota Júnior, teve ensejo de lembrar que, assim como Washington Luis fora chamado “Paulista de Macaé”, nós próprio, vezes sem conta, “Paulista de Ouro Fino”, o eminente brasileiro a quem se referem estas notas era, com justa razão, o “Capivariano de Porto Feliz”.

E efetivamente assim foi. O dr. Cesarino, como era popularmente conhecido em Capivarí, embora tendo nascido na terra das Monções e alí vivido a sua meninice e juventude, concluidos os seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, instalou-se com conceituada clínica em Capivarí e, dali, somente saiu para assumir a Secretaria do Interior, no fecundo governo de Bernardino de Campos. Foi em Capivarí que o ilustre homem público realizou toda sua vida política e ganhou a consciência dos graves problemas educacionais e sanitários do Estado, que iria resolver na sua admirável administração da importante pasta que lhe confiou Bernardino.

Não se limitava, Cesário Mota, na sua velha casa do Largo da Liberdade, a atender solícitamente aos que o procuravam, ricos ou pobres, para o lenitivo de seus males. Aos poucos, foi desenvolvendo-se e consolidando na cidade, e na região, o prestígio de seu nome, aureolado pelo magnetismo de sua distinção pessoal, pelo sacerdócio de seu laborioso trabalho médico e pelo esplendor de sua cultura.

Quando o movimento republicano, que se irradiava de Campinas pelas cidades da ituana, chegou a Capivarí, Cesário Mota se constituiu no chefe incontestado da falange idealista capivariana, célula política

das mais vigorosas e ativas. Em companhia de Prudente de Moraes, de Campos Sales, de Francisco Glicério, participou vivamente da campanha eleitoral na região, comparecendo às reuniões de Santa Bárbara d'Oeste, de Piracicaba, de Rio das Pedras, de Itú, de Campinas, de Botucatu, de São Pedro.

Essa liderança do ilustre médico, na sua terra de adoção, não tardou a despertar as iras do magistrado da comarca, dr. Costa Ramos, juiz de direito, sujeito a períodos cíclicos de alienação mental, monarquista ferrenho, e que passou a combater o republicanismo de Cesário Mota, através de violentos artigos divulgados pela imprensa da Capital. Indo mais longe na sua guerra ao prestigioso chefe republicano, para feri-lo mais diretamente, o aloucado magistrado suspendeu de suas funções o escrivão Fernando Mota e declarou incompetente para advogar no foro da Comarca o dr. João Mota, ambos parentes chegados do dr. Cesarino. Levando ao extremo a sua arbitrariedade, o dr. Costa Ramos decretou a prisão de Fernando Mota, numa subversão total do próprio processo judiciário, o que levantou contra si o clamor geral da Província.

Diante de tais ocorrências, o Governo do Império teve de intervir. O magistrado foi afastado de seu cargo, respondeu a processo regular e, por fim, teve a sua interdição decretada e mandada cumprir por determinação do Imperador Pedro II. Não foi com a proclamação da República que o dr. Costa Ramos mereceu a medida, como por engano escreveu o biógrafo de Cesário Mota, Cássio Mota. A destituição do magistrado e seu internamento no manicômio do Estado deveram-se a providências adotadas pelo Governo Monárquico, como se pode comprovar através dos processos arquivados na cidade de Capivari.

Instaurada a República, a 15 de novembro de 1889, acontecimento histórico que motivou brilhante comemoração feita na Câmara Municipal de Capivari, pelos republicanos chefiados por Cesário Mota, o primeiro governo constitucional de São Paulo, que tinha à sua frente Bernardino de Campos, convocou para ocupar a Secretaria do Interior o prestigioso médico capivariano.

Abre-se então para Cesário Mota a fase mais notável de sua ruidosa vida pública. Sem descuidar-se do problema sanitário do Estado, que ele, como médico e higienista, bem conhecia, Cesário Nazianzeno de Azevedo Mota Magalhães Júnior — era este todo seu nome — applicou-se resolutamente na solução do mais sério problema social que a República recebera da Monarquia: a educação popular.

Na administração do Governo Provisório, sob Prudente de Moraes e Américo Brasiliense, os estudos relativos ao equacionamento da grave questão do ensino haviam sido conduzidos e as reformas iniciadas sob o comando desse mestre, que se consagraria como dos mais famosos do magistério bandeirante: Caetano de Campos. Mas foi a Cesário Mota que São Paulo ficou devendo a obra modelar que transformou de tal sorte o magistério paulista e a qualidade do ensino, que aqui se ministrava em todo o Estado, que o êxito retumbante desse trabalho se comunicou ao Brasil inteiro e o ensino público paulista foi justamente reputado o mais perfeito e adiantado da Federação.

Coube a Cesário Mota construir, na Praça da República, o prédio que ali abrigou o mais importante centro de formação de professores do Estado, a velha Escola Normal da Praça, hoje Instituto de Educação Caetano de Campos. Quantas vezes o dedicado médico capivariano, deixando o seu expediente na Secretaria do Interior (a Secretaria da Educação da época), comparecia à escola, indagava das necessidades do estabelecimento, velava pelo correto fornecimento de material e melhoria dos salários dos professores, assistia às aulas e, participando dos trabalhos escolares, assumia a cátedra e desenvolvia os temas feridos pelos mestres, naqueles pontos que a seu ver, deveriam ser mais amplamente focalizados e debatidos.

Cesário Mota não se limitou ao ensino elementar e à escola de formação de professores. Homem esclarecido e de alta visão administrativa, todos os setores da cultura foram por ele carinhosamente cuidados. Promoveu a preparação do Monumento do Ipiranga para receber o Museu Paulista e, com tal empenho e solicitude, que essa bela instituição pode merecidamente ser apontada como obra sua. Colaborou na difusão do ensino superior e na fundação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do qual foi o primeiro Presidente. Mas não foi um presidente nominal. Muito pelo contrário, como testemunham as atas e as páginas da nossa prestigiosa Revista, que documentam de maneira completa a verdadeira história do sodalício, foi um presidente assíduo, compareceu sempre às suas sessões, dirigiu competentemente os trabalhos e deu contribuição das mais valiosas e seguras para que a novel casa cultural paulista se implantasse e se convertesse numa esplêndida organização.

A projeção do nome de Cesário Mota crescia de tal modo que a sua candidatura à presidência do Estado, em sucessão a Bernardino, despontava como solução natural na política de São Paulo. Tanto bastou para que os “poderes ocultos”, que sempre existiram na política partidária, no tempo e no espaço, procurassem destruí-lo, incompatibilizando-o com Bernardino. Afastado da Secretaria do Interior,

eleito Deputado Federal, o injustiçado estadista de Capivarí guardou no coração a mágua daquela ingratição sem nome, assumindo a sua cadeira na Câmara Federal e falecendo logo depois, de um insulto cardíaco.

São Paulo tributou ao ilustre brasileiro uma das mais expressivas homenagens póstumas que já se fizeram nesta terra a um homem público. E Cesário, indiscutivelmente, bem que a mereceu.

*

BIBLIOGRAFIA.

Américo de Moura, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, Volume 7, pág. 173.

Arquivo do Estado, *Documentos Históricos de Capivarí — 1877-1889*.

Aureliano Leite, *História da Civilização Paulista* (São Paulo, 1954).

Azevedo Marques, *Apontamentos Históricos, Biográficos, Estatísticos*, etc. (Rio de Janeiro, 1873).

Cássio Mota, *Vida e Obra de Cesário Mota* (São Paulo).

Francisco de Paula Santos Rodrigues, *Doutor Cesário Mota*, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", Volume 6, pág. 223.

João Pereira Monteiro, *Necrológio*, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", Volume 60.

Otoniel Mota, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", Volume 6, pág. 337.

Vinício Stein Campos, *História de Capivarí*, 1974.

* *

*

AURELIANO LEITE. Mineiro de Ouro Fino, mas radicado em São Paulo, o Dr. Aureliano Leite aqui desenvolveu toda sua vida intelectual e política. Participou ativamente da revolução de 32, tendo sido exilado. Representou São Paulo na Câmara dos Deputados e militou na imprensa durante muito tempo. Autor de obras e de história e de ficção, integra inúmeras instituições culturais de São Paulo, como a Academia Paulista de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, cuja presidência exerce há vários anos.

(Nota de Ana Maria de Almeida Camargo).